

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA - UFV
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS - CCA
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA FLORESTAL -DEF**

**CONHECIMENTOS ESSENCIAIS SOBRE
COMUNICAÇÃO E EXTENSÃO
FLORESTAL**

ELIAS SILVA*

* Engenheiro Florestal, Mestre e Doutor em Ciência Florestal pela Universidade Federal de Viçosa (UFV)

* Especialista em Pesquisa e Fomento Regional e Empresarial da Atividade Agropecuária pelo Centro de Cooperação Internacional do Estado de Israel (MASHAV)

* Professor Associado do Departamento de Engenharia Florestal (DEF) da UFV

**VIÇOSA – MG
2013**

Objetivos

Geral

*** Aprimorar conhecimentos na área de Comunicação e Extensão Florestal.**

Específicos

*** Explicitar e discutir conceitos fundamentais relacionados ao Processo de Comunicação.**

*** Explicitar e discutir os perfis técnico e social do comunicador/extensionista florestal.**

*** Apresentar e discutir as técnicas de comunicação e demonstração de dados e informações de interesse florestal.**

*** Apresentar e discutir as técnicas de medição, valoração e interpretação dos resultados obtidos com as técnicas de comunicação e demonstração escolhidas.**

*** Apresentar e discutir o conteúdo e a forma de um Plano de Extensão Florestal.**

*** Discorrer sobre a inserção (adoção) e a fidelização de produtores em programas de fomento florestal.**

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Dentre as características humanas, destaca-se a capacidade de comunicação. Ela, na verdade, se confunde com o surgimento da nossa espécie no planeta, o que implica dizer que, nos primórdios da civilização, quando a intelectualidade era bem limitada, havia o uso de comunicações “rústicas”, com destaque para a feita com gestos, que, com o passar do tempo, se juntaram a outras mais elaboradas, como a verbal e a escrita. Portanto, esse aperfeiçoamento da capacidade de se comunicar está associado à evolução da espécie, ou seja, envolve variáveis essencialmente genéticas, que somadas às interferências sociais, econômicas e culturais típicas da nossa sociedade moldam essa habilidade nata do ser humano. A Internet é um reflexo claro dessas interferências, pois traz novos ingredientes ao processo de comunicação, principalmente em termos de agilidade e de interação simultânea com vários agentes.

É interessante perceber que, enquanto ser social, os seres humanos necessitam se comunicar entre si e com outros organismos dotados de algum grau de sensibilidade. O primeiro caso pode ser exemplificado pela conversa entre duas pessoas; a título de ilustração poder-se-ia pensar no diálogo entre um professor e um aluno, quando esse último lhe apresenta uma dúvida. Ora, nessa situação, o aluno deverá iniciar o processo de comunicação, colocando a sua dúvida, que poderá chegar ao professor nas formas verbal ou escrita. Tomando contato com a dúvida do aluno, caberá ao professor dar prosseguimento a esse processo, na medida em que explicita considerações que façam com que o indagador entenda aquilo que não compreendia até então. Para tanto, o professor poderá recorrer a vários métodos, como usar a lousa para explicar. Nessa situação, é razoável imaginar que se atinja o objetivo de remover a dúvida apresentada pelo aluno. O segundo caso, por sua vez, pode parecer bizarro a certas pessoas, uma vez que envolve a comunicação de um ser humano com outro tipo de organismo, caso de animais domesticados, por exemplo. Talvez, essas pessoas poderiam usar o argumento de que só há comunicação entre seres humanos, o que é discutível. No entanto, compreendida em seu sentido maior, é fácil perceber que a comunicação dá-se também entre seres irracionais, que se pautam pelo instinto. Se não fosse o caso, o que dizer do canto dos pássaros machos quando da corte à fêmea durante o período reprodutivo? Acaso não é uma forma de se comunicar? Certamente que sim! Isto significa dizer que, se entre seres irracionais há o processo de comunicação, por que não entre nós e os mesmos? Posto isso, vamos admitir que exista essa forma de comunicação, a qual pode ser demonstrada quando nós repreendemos um cão que tenha feito suas necessidades fisiológicas no tapete da sala. Buscamos, com nossos gritos, que é uma forma de comunicação verbal, condicioná-lo a não mais proceder desse modo. Ele receberá essa informação, que poderá ser suficiente ou não para demovê-lo de atos futuros.

Do explicitado resulta que, a comunicação se faz tendo sempre um interlocutor, ou seja, alguém com que se divide o processo de comunicação, seja um ser racional ou irracional. Dentro dessa ótica, é possível imaginar um processo de comunicação ímpar, em que o interlocutor fosse o próprio indivíduo. É o caso de “conversas” que temos conosco mesmo, mais comuns do que se imagina. Isso se constitui em um tipo de comunicação, pois num momento assumimos a função de indagador e em outro ponto a de respondente. Ou seja, somos o nosso próprio interlocutor. Poderíamos chamá-la de “comunicação interna”, uma vez que se dá no âmbito restrito de um ser, ainda que esse interaja permanentemente com o mundo exterior.

Nesse estágio vale esclarecer que, a comunicação visa fundamentalmente o entendimento (ponto de equilíbrio) entre as partes envolvidas, seja o de uma criança que chora e passa para a mãe a sensação de que está com fome, ou de um subordinado que procura sensibilizar seu superior quanto à necessidade de receber aumento salarial. Todos estão buscando o entendimento. Cada um a seu modo.

É nessa busca do entendimento que se pauta a comunicação entre o extensionista e seu público-alvo (interlocutor), numa relação dinâmica, em que todos saem ganhando. Via de regra, o extensionista inicia o processo de comunicação com o seu público-alvo, procurando perceber suas necessidades e dúvidas. Na medida em consegue obter os meios e as respostas para atender essas necessidades e dúvidas, cumpre a contento o seu papel. Para tanto, necessita eleger e utilizar formas (técnicas) e veículos adequados de comunicação, no sentido de ser compreendido por seu público-alvo.

Sendo assim, o profissional que pretende trabalhar como extensionista, aqui entendido para atuar na área florestal, precisa deter vários conhecimentos, que serão explicitados neste trabalho, constituindo-se em seu objetivo maior.

CONCEITOS E PERGUNTAS IMPORTANTES

Comunicar é fazer saber. Já **comunicação** é o ato ou efeito de comunicar, ou seja, o processo de emissão, transmissão e recepção de mensagens por meio de métodos e, ou sistemas convencionados. Em outros termos, a capacidade de trocar ou discutir idéias, de dialogar, de conversar, objetivando o bom entendimento entre pessoas. **Extensão**, de sua parte, é o efeito de estender-se; ampliação.

Com base no parágrafo anterior, entende-se que **Comunicação e Extensão Florestal** é a área do conhecimento que se atém à geração e recepção de dados e informações de interesse florestal, visando o seu posterior tratamento (preparo), transmissão e monitoramento. Envolve um processo de mão dupla, caracterizado pela interação entre o extensionista e, ou comunicador com o público-alvo, exatamente para permitir que o dado e a informação sejam utilizados mais convenientemente.

A comunicação pode ser entendida observando-se a Figura 1.

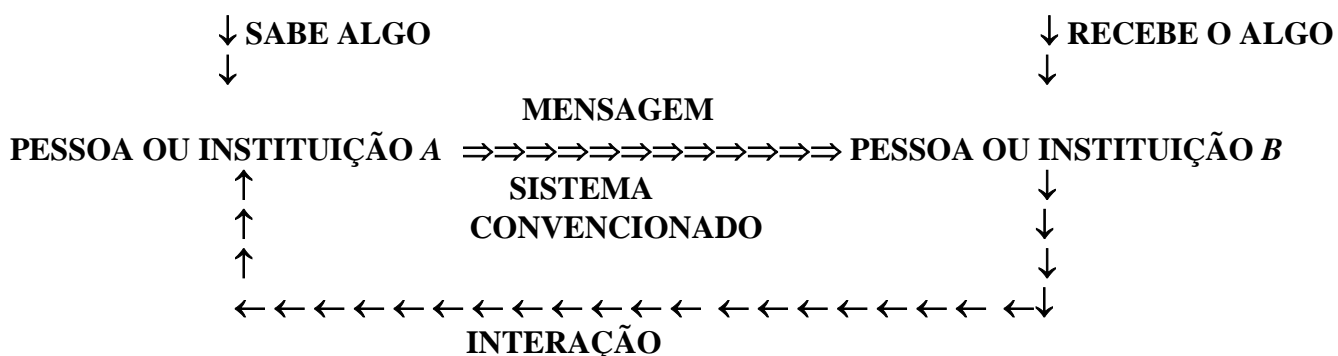


Figura 1 – Processo de Comunicação.

A Pessoa (Física) ou Instituição (Pessoa Jurídica) A detém o conhecimento de dados e, ou informações e entende que deve transmiti-los para a Pessoa ou Instituição B. Para tanto, envia a mensagem (o que se quer comunicar) contendo os dados e, ou informações pertinentes, por meio de um sistema convencionado (telefonema, carta, conversa, fax, email, etc.). A Pessoa ou Instituição B recebe a mensagem, interpreta-a, podendo ou não voltar a interagir com a Pessoa ou Instituição A, de acordo com os seus interesses e dúvidas, sempre visando o bom entendimento entre as partes

A propósito, em consonância com o que foi apresentado até aqui, se faz necessário, nesse momento, o lançamento das seguintes perguntas:

- 1) **Qual a diferença entre dado e informação?**
- 2) **Qual a diferença entre comunicador e extensionista florestal?**
- 3) **Quais são os componentes da Comunicação e Extensão Florestal?**
- 4) **Qual a importância da Comunicação e Extensão Florestal?**

São as seguintes as respostas:

1) Dado é um elemento obtido em primeira instância, enquanto a informação advém de dados, ou seja, representa sempre algo logrado posteriormente. Exemplo: o DAP (diâmetro à altura do peito) e a altura da árvore são dados, pois são obtidos diretamente, numa primeira situação. As médias aritméticas do DAP e da altura da árvore, obtidas a partir desses dados, representam informações.

2) O comunicador florestal é aquele que se preocupa em difundir dados e informações de interesse da Ciência Florestal para um determinado público-alvo. Não necessariamente é um elemento ligado ao meio florestal propriamente dito, ou mais precisamente um engenheiro florestal, podendo ser um jornalista ou bacharel em comunicação, por exemplo. Já o extensionista florestal deve ser um profissional efetivamente ligado a esse ramo, pois cabe a ele gerar, discutir, aperfeiçoar e difundir dados e informações de interesse do público-alvo. Diante do exposto, com objetivos puramente práticos, se fará aqui uma diferenciação entre Comunicação Florestal e Extensão Florestal. A primeira refere-se à difusão de dados e informações para um determinado público-alvo feita por diferentes tipos de profissionais, não necessariamente ligados ao meio florestal. Já a Extensão Florestal é exercida apenas por profissionais do ramo florestal, também com o objetivo de difundir dados e informações de interesse de algum público-alvo. Na prática, é difícil distinguir comunicação de extensão, pois ao se fazer uma se está inerentemente executando à outra. Em outras palavras: quem se comunica, está ampliando o alcance de observação do dado e, ou informação, o que implica, a rigor, em fazer extensão. Por outro lado, ao se fazer extensão, implicitamente se está utilizando o processo de comunicação.

3) São os seguintes os componentes da Comunicação e Extensão Florestal: geração, recepção, tratamento, transmissão e monitoramento. A geração de dados e informações advém de pesquisas originais e, ou busca de informações secundárias. Constitui-se no manancial da Comunicação e Extensão Florestal. A recepção de dados e informações, por sua vez, exige infra-estrutura e pessoas qualificadas. Essa infra-estrutura geralmente envolve sistemas de informática. O pessoal envolvido não necessariamente é do meio florestal, cabendo trabalhos para digitadores, secretários, jornalistas, entre outros. A recepção é necessária para, não só armazenar dados e informações, mas também para filtrar o essencial, no sentido de serem repassados aqueles realmente relevantes e do interesse dos diferentes públicos-alvo. O tratamento (preparo) de dados e informações é também de fundamental importância, pois é nessa situação que recebem arranjos didáticos (gráficos, esquemas, fluxos, etc.), visando facilitar a sua compreensão por parte do público-alvo. A transmissão de dados e informações precisa responder quatro questões básicas: onde, quando, como e por que se comunicar. Somente com a definição precisa dessas respostas é que se atinge plenamente o objetivo estabelecido no programa de Comunicação e Extensão Florestal. O monitoramento permite a retroalimentação do sistema de comunicação e

extensão florestal, aperfeiçoando a mensagem a ser repassada ao público-alvo. Por meio dele é que se dinamiza a interação entre o comunicador e,ou extensionista florestal com o público-alvo.

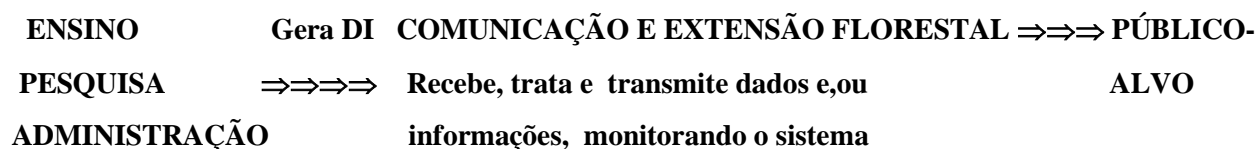
4) De modo geral, a importância da Comunicação e Extensão Florestal se prende aos seguintes itens: difundir dados e informações para o público-alvo; divulgar o meio florestal; buscar soluções para os problemas encontrados no setor; permitir a interação do extensionista e,ou comunicador com a realidade (problemas e soluções encontradas) de diferentes públicos-alvo, o que o torna mais completo enquanto pessoa e profissional; e consolidar o meio florestal junto à opinião pública.

PERFIS TÉCNICO E SOCIAL DO EXTENSIONISTA FLORESTAL

Para que se possam compreender melhor os perfis técnico e social do extensionista, torna-se necessário conhecer os **Elementos Básicos da Ciência Florestal**. São eles: **Ensino, Pesquisa, Administração e a Extensão (por via de consequência a Comunicação)**.

Como se sabe, a Comunicação e Extensão Florestal recebe, trata (prepara), transmite e monitora dados e, ou informações gerados pelo elemento Ensino, Pesquisa ou Administração. Normalmente, é a Pesquisa o maior manancial de dados e, ou informações para a Comunicação e Extensão Florestal, visando atingir seus públicos-alvo. Vale dizer que, em termos práticos, há também a geração de dados e, ou informações pela Comunicação e Extensão Florestal, mas isto não constitui sua atividade central.

Esquemáticamente, seria:



D = Dado

I = Informação

Figura 2 – Relação entre os Elementos Básicos da Ciência Florestal e o Público-Alvo .

Interpretando a Figura 2: O Ensino, a Pesquisa e a Administração podem gerar dados (D) e, ou informações (I). Estes, abastecem o sistema de recepção da Comunicação e Extensão Florestal, sendo posteriormente tratados (preparados didaticamente) e transmitidos para o público-alvo, com o concomitante monitoramento do sistema, visando retroalimentá-lo, para melhorar o seu desempenho.

Mais especificamente em relação à Extensão Florestal, esses elementos básicos da Ciência Florestal se relacionam conforme se observa na Figura 3.

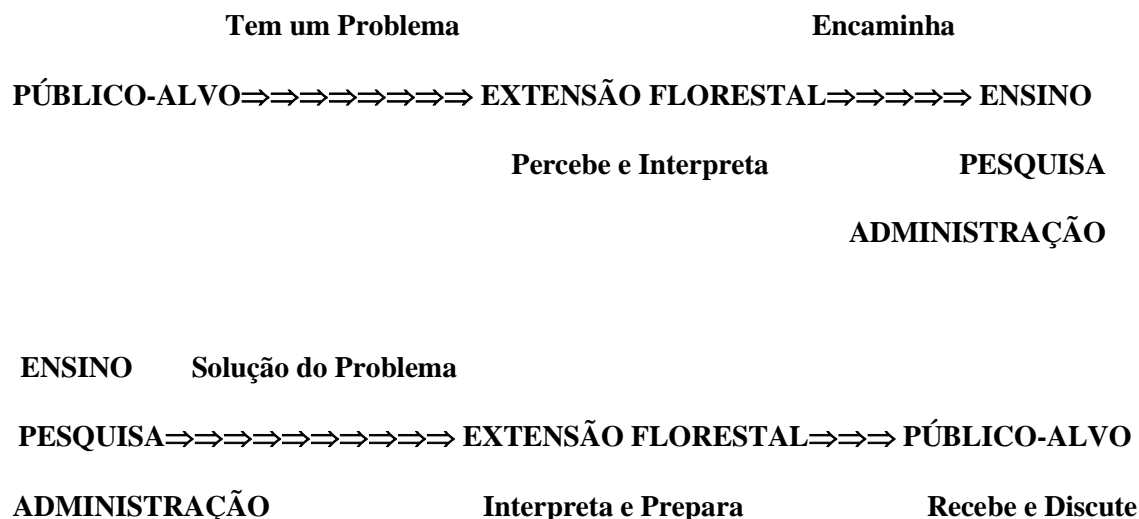


Figura 3 – Detalhamento das Relações da Extensão Florestal com os Elementos Básicos da Ciência Florestal e o Público-Alvo.

Interpretando a Figura 3: A parte de cima: o público-alvo tem problemas que julga relevante; a extensão florestal os percebe e interpreta, encaminhando-os a quem de direito (ensino, pesquisa ou administração). A parte de baixo: o ensino, a pesquisa ou a administração apresenta uma solução ao problema; a extensão florestal interpreta essa solução e a prepara (trata) para ser levada ao conhecimento do público-alvo; este recebe a solução, discutindo-a com a extensão, no sentido de adaptá-la, aperfeiçoá-la.

Como se pode notar, esse processo exige do extensionista florestal **competência técnica e sensibilidade social**, já que sempre se coloca entre duas partes. Em outras palavras, tanto lida com outros profissionais quanto com o seu público-alvo, intermediando as melhores soluções.

Nesse sentido, são qualidades desejáveis, segundo a perspectiva técnica ou social:

Técnica: COMPETENTE, ATUALIZADO, INTELIGENTE, CONCENTRADO, GENERALISTA, ORGANIZADO, OBSERVADOR, VERSÁTIL, PONDERADO, DEDICADO, CRIATIVO.

Social: SENSÍVEL, RESPEITADOR, HUMILDE, INTERESSADO, ATENCIOSO, MOTIVADOR, ABERTO, SOLÍCITO, FRANCO (SINCERO), PACIENTE, COMPREENSIVO.

Na seqüência, são explicadas essas qualidades desejáveis, tanto sob a perspectiva técnica quanto social.

Perspectiva Técnica:

Competente: Indica a capacidade do profissional de resolver problemas, ou seja, de solucionar questões que se apresentem. A competência se evidencia, também, quando se considera que o técnico tem discernimento para encaminhar questões a outros profissionais, que no entendimento dele sejam mais indicados para dar uma solução ao problema apresentado.

Atualizado: Ser atualizado diz respeito à qualidade de se manter informado sobre temas técnicos, o que pode e deve ser feito de várias formas, entre elas: leitura constante; participação em eventos; diálogos com colegas e público-alvo; revisões bibliográficas; participação em listas de discussão na Internet; obtenção de informações via rádio, televisão, jornal e revistas; cursos de reciclagem profissional, na modalidade presencial, semipresencial ou “on line”.

Inteligente: A inteligência reflete a capacidade de aprender com facilidade, acumulando conhecimentos. Ser inteligente é uma qualidade ligada ao intelecto, ou, em outras palavras, atrelada ao QI do indivíduo. Sendo assim, é fortemente influenciada pela herança genética. É também influenciada pelo meio social em que o indivíduo vive.

Concentrado: Ser concentrado é a qualidade de fixar o raciocínio, a atenção e a ação em determinado assunto. Ocorre, muitas vezes, que o técnico precisa atender vários assuntos simultaneamente, o que exige alta capacidade de concentração, a fim de atender a todos de maneira adequada. Caso contrário, o técnico acaba se perdendo e dispersando suas energias, sem resolver os assuntos como deveria.

Generalista: O extensionista, via de regra, atende vários tipos de público-alvo, com diferentes demandas. Desse modo, precisa ter a qualidade de dar soluções a problemas diversos, o que não é tarefa fácil. Para tanto, precisa ler constantemente e discutir assuntos os mais diversos dentro de sua área de atuação. Para adquirir e desenvolver essa qualidade, o técnico deve ter sempre em mente a necessidade de observar tudo quanto se passa ao seu redor, no que tange à sua área de atuação profissional.

Organizado: Ser organizado é a qualidade relativa ao eficaz controle de documentos e compromissos. Para tanto, é essencial o hábito de planejar atividades e desenvolver sistemas de armazenamento (arquivo) de dados e, ou informações. A falta de organização freqüentemente leva à depreciação do nome do extensionista, uma vez considerada sua ausência em compromissos e extravios de documentos. Nesse sentido, um elemento indispensável na vida do extensionista é sua agenda, onde o planejamento de atividades deve ser traçado.

Observador: Ser observador refere-se à habilidade de “enxergar” fatos e situações relevantes e, a partir disso, acumular conhecimentos que permitirão encontrar soluções mais adequadas para os problemas que se apresentem. Permite, via de regra, ao indivíduo, conhecer o problema e suas possíveis soluções com antecedência, já que essa qualidade está arraigada em sua personalidade. É essencialmente uma qualidade nata, mas que pode ser aprimorada por meio de esforço pessoal.

Versátil: Ser versátil é a qualidade de se “moldar” às novas situações que porventura surjam. Em outras palavras, diz respeito à capacidade de se adequar e conhecer tendências e inovações tecnológicas, criando habilidades para a aquisição de novos conhecimentos e, desse modo, a competência para a resolução de problemas. Popularmente, se traduz pelo “jogo de cintura” que o técnico deve ter para estar sempre preparado e capacitado em relação ao seu trabalho.

Ponderado: Ser ponderado refere-se à habilidade de correlacionar situações e problemas com conceitos e pressupostos técnicos corretos, dando margem à busca de soluções mais adequadas. Envolve também a habilidade em manter-se equilibrado em relação a situações inusitadas e novas, o que aumenta a possibilidade de entender melhor o problema e, assim, buscar uma solução adequada.

Dedicado: Ser dedicado é a qualidade de se entregar com disciplina às tarefas que se apresentem, o que exige muita dedicação e esforço. Na verdade, muitos trabalhos de extensão exigem grande dedicação a fim de se conseguir resultados satisfatórios, uma vez considerada a possibilidade de rejeição natural do novo pelo público-alvo, bem como o tempo e a dificuldade para se obterem dados e informações que sejam convincentes.

Criativo: É a capacidade de encontrar soluções novas, inéditas. A criatividade é uma qualidade fortemente atrelada ao grau de inteligência do indivíduo, mas também muito influenciada pela capacidade de observar e se dedicar às questões que se apresentem. Por meio da criatividade é que se encontram novas soluções para problemas de grande importância, barateando, inclusive, custos a serem bancados pelo público-alvo ou pelo poder público, por exemplo.

Perspectiva Social:

Sensível: Ser sensível refere-se à capacidade de entender e respeitar a forma de pensar e agir do público-alvo, condição indispensável para o trabalho extensionista, uma vez que, a partir dessa compreensão é que se faz o planejamento de atividades. É importante a sensibilidade no trabalho extensionista, a fim de que o técnico não entre em choque com o público-alvo. Há sempre a possibilidade de choques quando se necessita introduzir novos padrões e formas de conduta junto ao público-alvo. Se for necessária a introdução desses novos padrões e formas de conduta, visando a

obtenção de resultados mais satisfatórios, a mesma será objeto de minucioso planejamento, exatamente para se evitar atritos.

Respeitador: Ser respeitador refere-se à capacidade de demonstrar consideração pelo outro. O respeito é uma variável que mantém forte relação com a sensibilidade, pois é a partir dessa que o extensionista manifesta consideração pela forma de pensar e agir do público-alvo. Isso não significa que o extensionista concorde com essa forma de pensar e agir, mas a mesma só poderá receber aperfeiçoamentos se o público-alvo entender que está sendo respeitado. Esse respeito pode ser demonstrado de diversos modos, todavia a forma que parece mais eficaz é aquela em que o extensionista estimula o público-alvo com elogios, ao dizer que o que ele pensa é adequado, mas pode ser melhorado (aperfeiçoado), e, isso, é sempre bem recebido.

Humilde: Ser humilde é uma qualidade erroneamente associada à subserviência. Na verdade, diz respeito à capacidade de entender que sempre se pode aprender, mesmo com pessoas menos favorecidas que nós, segundo algum critério, como por exemplo o educativo (tempo de escola). A humildade se reflete também no modo de se vestir e se dirigir às pessoas. O extensionista precisa ter em mente que a sua imagem (física e verbal) é sempre observada pelo público-alvo. Nestes termos, para exercer a contento seu trabalho, o extensionista deve procurar se expressar de forma compreensível e se vestir de modo discreto.

Interessado: Ser interessado é uma qualidade ligada à preocupação demonstrada pelo extensionista quanto aos anseios, preocupações e dúvidas do público-alvo. É uma qualidade que favorece o entendimento entre as partes, pois o público-alvo passa a reconhecer que o extensionista é seu parceiro, ou melhor, que tem alguém realmente interessado em auxiliá-lo na busca de soluções para os seus problemas.

Atencioso: Ser atencioso é essencialmente uma qualidade ligada à anterior, ou seja, ao interesse do extensionista pelos anseios, preocupações e dúvidas do público-alvo. A atenção demonstrada pelo extensionista cria empatias junto ao público-alvo, abrindo portas para um relacionamento mais amistoso e produtivo. Nestes termos, fazer visitas periódicas é uma maneira interessante de dar atenção ao público-alvo.

Motivador: O extensionista necessita ter a capacidade de estimular o público-alvo para a adoção de práticas recomendadas, o que se consegue, fundamentalmente, com um planejamento adequado e com técnicas de comunicação indicadas, além da capacidade nata de motivar as pessoas. Essa motivação, via de regra, é feita por meio de métodos demonstrativos, que procuram evidenciar situações práticas e, por conseqüência, mais assimiláveis.

Aberto: Diz respeito à capacidade de aceitar visões e pontos de vista de terceiros, mesmo de pessoas menos favorecidas segundo algum critério, como por exemplo o educativo (tempo de escola). Ser aberto também se refere à capacidade de entender a necessidade de buscar novas informações e competências, exatamente para servir melhor ao público-alvo. Vale mencionar que, muitas soluções na área de extensão exigem mais a criatividade do que o conhecimento técnico-científico; sendo assim, o extensionista precisa estar predisposto a soluções “caseiras” e que, via de regra, se ajustam melhor aos padrões social e econômico do público-alvo.

Solícito: A solicitude é uma qualidade atrelada à atenção que o extensionista deve dispensar ao público-alvo. Se colocando dessa forma, ou seja, abrindo espaço para atender o público-alvo e evitando trâmites burocráticos desnecessários, o extensionista passa a ser mais bem aceito.

Franco: Também é uma qualidade desejável, pois deve haver uma relação sincera entre as partes (extensionista e público-alvo), sem a criação de falsas expectativas. Ser franco não significa, em hipótese alguma, ser rude ou grosseiro com as pessoas, mas ser sincero e objetivo quanto às possibilidades de algo vir a acontecer ou não.

Paciente: Ser paciente refere-se à qualidade de aguardar situações mais propícias e resultados que surgirão apenas a médio e longo prazos, mantendo-se confiante naquilo que se planejou e,ou executou. Em muitas situações, o extensionista se depara com descrédito e,ou falta de recursos financeiros por parte do público-alvo, cabendo a ele aguardar uma situação mais propícia para desenvolver seu trabalho, o que exigirá paciência e confiança. Do mesmo modo, alguns resultados, por exemplo oriundos de unidades demonstrativas, não podem ser obtidos em curto prazo, o que indica a necessidade de se manter firme e confiante no que se planejou e fez.

Compreensivo: Indica a capacidade de aceitar situações que se apresentem, algumas inclusive que não nos agrada. Ser compreensivo é uma qualidade associada à anterior, ou seja, à paciência exigida no trabalho extensionista. Somente assim se poderão atingir os objetivos traçados, mediante o trabalho em épocas mais propícias ou a partir do momento em que se têm resultados convincentes a serem mostrados.

AGENTES DIFUSORES, TEMAS ABORDADOS, PÚBLICOS-ALVO E FORMAS DE AÇÃO

Os agentes difusores, ou melhor, os profissionais que desempenham atividades ligadas à extensão florestal podem ser do nível superior ou técnico. Podem ser engenheiros florestais, engenheiros agrônomos, biólogos, ecólogos, bacharéis em ciência natural, geógrafos, técnicos em agropecuária e técnicos florestais. É interessante atentar para o fato de que o engenheiro florestal não é o único profissional que pode atuar na extensão florestal, como pode parecer à primeira vista, uma vez que os outros anteriormente listados também trabalham com temas da Ciência Florestal, conforme demonstram suas respectivas atribuições profissionais. Vale esclarecer que, esses profissionais podem trabalhar de forma autônoma ou vinculados a instituições.

Por outro lado, a comunicação florestal também pode ser efetivada por esses profissionais, mas é mais apropriada aos jornalistas e aos bacharéis em comunicação, em vista de suas respectivas formações acadêmicas.

Em termos institucionais, a extensão florestal pode ser feita por Universidades (UFV - Universidade Federal de Viçosa, UFPr - Universidade Federal do Paraná, etc.); Escolas de Ensino Médio (Rio Pomba, Barbacena, etc.); Centros de Pesquisa (EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, EPAMIG – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais, etc.); ONGs – Organizações Não-Governamentais (CMCN – Centro Mineiro para a Conservação da Natureza; CTA/ZM – Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, etc.); empresas (produtoras de fertilizantes, iscas formicidas, florestais, etc.); Poder Público (técnicos de prefeituras municipais, IEF/MG – Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais, EMATER/MG – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais) e; cooperativas rurais. A seguir, serão mostrados os temas mais abordados na extensão florestal, segundo a visão institucional.

As Universidades, Escolas de Ensino Médio e Centros de Pesquisa vêm agindo no sentido, principalmente, de difundir material genético e técnicas criadas e,ou aperfeiçoadas internamente. A difusão de conhecimentos ligados aos processos de certificação ambiental, via universidades, também tem sido um tema relevante em trabalhos de extensão florestal junto a empresários. Vale ressaltar que, pouca coisa tem sido feita para atender atores sociais carentes do meio rural, ou melhor, pequenos e médios produtores rurais, se comparada às muitas contribuições dadas por estas instituições ao setor empresarial (empresas florestais e empresas de insumos de interesse florestal). Relevante também são as parcerias que vêm ocorrendo entre universidades e ONGs, caso do CMCN e CTA/ZM com a UFRV e da Fundação O Boticário com a UFPr. Essas parcerias têm permitido às Instituições de Nível Superior atender novos tipos de público, ampliando sua ação social.

As ONGs têm despertado para o mercado de trabalho relacionado com a extensão florestal, com sua atuação se dando principalmente na criação e manejo de áreas protegidas (parques, reservas), bem como na orientação de públicos rurais tradicionais (comunidades caboclas ou até mesmo índios). Algumas estão voltadas também para trabalhos em bacias hidrográficas, visando recuperar matas ciliares e proteger cabeceiras de drenagem.

Vários ramos empresariais também atuam em extensão florestal. Talvez, o exemplo mais clássico seja o das empresas florestais, por meio de Programas de Fomento Florestal. No caso, a empresa fomenta a atividade de plantio de florestas (eucalipto, pinus, etc.) em áreas situadas em seu raio econômico. Na oportunidade, os seus técnicos (ou terceiros) orientam os produtores rurais para o plantio, condução e corte destas florestas, além de aspectos voltados para a comercialização dos produtos. Evidentemente, se trata de um tipo de extensão florestal muito particular, pois deve se considerar o interesse explícito da empresa na atividade de fomento. Em termos técnicos, isto implica em uma sistemática diferenciada de trabalho, se comparada à extensão florestal feita normalmente, já que o público-alvo, em primeira instância, se trata, na verdade, de um parceiro da empresa.

No caso de **empresas que fabricam produtos para uso no meio florestal** (iscas formicidas, fertilizantes, equipamentos, etc.) a situação também é muito particular, pois o trabalho de extensão (orientação na aquisição, aplicação e controle dos produtos) envolve, inegavelmente, aspectos puramente comerciais. Nesse sentido, a sistemática de trabalho abrange conceitos e objetivos próprios, o que implica dizer que têm baixo grau de relação com a extensão florestal feita por meio do Poder Público.

Essa especificidade da extensão praticada pelo ramo empresarial não pode ser vista de forma pejorativa, pois as relações comerciais estabelecidas no processo são lícitas e atendem padrões de “marketing” aceitos amplamente. Portanto, deve ser entendida como uma modalidade de extensão florestal que contém uma carga comercial na relação entre o agente difusor e o público-alvo, aqui entendido como potencial cliente.

O Poder Público também pode e deve atuar na extensão florestal. Um caso recorrente é o de técnicos de nível superior e, ou médio ligados às prefeituras. Estes, ficam à disposição de interessados, no sentido de fornecer orientações de âmbito florestal, tais como: plantios comerciais de espécies arbóreas; arborização de áreas rurais e, ou urbanas; preservação e secagem de madeira, etc. Mais apropriadamente, o Poder Público atua na extensão florestal por meio dos institutos estaduais de florestas ou órgãos correlatos (Instituto de Terras e Cartografia, Instituto de Colonização e Reforma Agrária), além da ação da EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural. Os Institutos Florestais e órgãos correlatos trabalham, fundamentalmente, na orientação para o efetivo controle florestal, o que implica dizer que interagem com o público-alvo para o disciplinamento do uso da terra,

envolvendo liberação ou não de desmates, reposição de áreas de reserva florestal legal, recuperação de ambientes de preservação permanente, corte de árvores em espaços urbanos, florestamento/reflorestamento comercial nas propriedades, educação ambiental, entre outras funções. As EMATER, por seu turno, em essência, agem no fomento de espécies florestais (eucalipto, pinus, fruteiras arbóreas, etc.) e controle de pragas.

As cooperativas rurais também estão envolvidas com extensão florestal, pois os seus técnicos, a exemplo das empresas florestais que fazem fomento, trabalham na orientação dos seus cooperados, passando-lhes informações que são do âmbito florestal, como conservação de nascentes, obediência às áreas de preservação permanente, entre outras.

Vale lembrar que, o trabalho de extensão florestal pode ser feito por profissionais **autônomos**, mediante assinatura de contrato com diferentes públicos-alvo, em tudo quanto se relaciona à Ciência Florestal e que seja do interesse dos mesmos. É um mercado altamente promissor, em vista da multiplicidade de ações que podem ser desencadeadas pela extensão florestal, tanto no meio rural quanto urbano, e que se ajustam bem ao trabalho autônomo, uma vez considerada a agilidade que esse pode imprimir ao trabalho, se comparado ao agente público, em muitas ocasiões.

Em relação ao **público-alvo da extensão florestal**, são mais comuns os seguintes:

- **No meio rural: proprietários, produtores, empresas, cooperativas, poder público (engloba prefeituras e escolas);**
- **No meio urbano: prefeituras, moradores, empresas, escolas públicas ou privadas.**

Todos esses tipos de público-alvo, tanto rurais quanto urbanos, possuem interesse em dados e, ou informações ligados à Ciência Florestal; por isso são clientes da extensão florestal.

No caso rural, vale explicar a diferença entre proprietário e produtor rural. O primeiro é, efetivamente, o dono do imóvel rural, podendo ou não morar no mesmo, enquanto o outro, o produtor, é quem “põe a mão na terra”, ou seja, a faz produzir. São exemplos de produtores rurais: o próprio dono da área, no caso de também trabalhar na terra; meeiros; arrendatários; posseiros, etc.

De modo geral, são as seguintes as formas (técnicas) de comunicação e extensão florestal, segundo a via principal de entrada do dado e, ou da informação:

Via Pessoal: conversa pessoal; por meio de líderes; por meio de agentes difusores.

Via Participativa: dia de campo; curso presencial; curso com tutoria à distância; “workshop”; debate; reunião; visita técnica; campanha; gincana; torneio.

Via Escrita: carta; fax; jornal; revista; folder; panfleto; cartaz/aviso; faixa; placa; “out-door”; superfície de muros ou paredes em geral; lousa.

Via Auditiva: telefone; rádio; rádio amador; alto falante; eventos políticos e religiosos; palestra; semana, congresso, simpósio e similares; música.

Via Expositiva: feira e exposição de produtos em “stands”; unidade demonstrativa; maquete.

Via Festiva: show; festa; comemoração; peça teatral.

Via Visual: álbum seriado; televisão; videocurso; vídeo (filme).

Via Digital: “software” interativo; “software” não-interativo.

Via Internet: email; videoconferência; “sites”; lista de discussão, curso “on-line”.

Na unidade referente às técnicas de comunicação e extensão, serão discutidas essas formas anteriormente listadas. Na oportunidade, será explicada em que consiste a técnica, seguida de considerações sobre suas potencialidades e limitações quando empregada para propósitos da extensão florestal.

TÉCNICAS DE COMUNICAÇÃO E EXTENSÃO

A seguir, são discutidas as técnicas de comunicação e extensão cabíveis para a área florestal, a partir de uma breve explicação sobre cada uma delas, seguida de considerações sobre suas potencialidades e limitações.

Técnicas da Via Pessoal:

Conversa Pessoal: Refere-se à troca de observações entre o extensionista e o seu público-alvo, na forma de um ou mais indivíduos. Na oportunidade, o extensionista e seu interlocutor usam do recurso verbal e de gestos, além da possibilidade de desenharem sistemas, ferramentas e tudo quanto possa ser necessário ao entendimento entre as partes. Esta conversa pode se dar diretamente no campo ou por meio de Clínicas de Extensão. No primeiro caso, evidentemente, a identificação do problema e a busca de soluções ocorrem junto à própria realidade da área de trabalho, facilitando, de certo modo, o trabalho extensionista. No entanto, em condições de campo, há maior desconforto e desgaste, e isto pode comprometer a busca de melhores soluções. Exatamente por isto, é que se idealizou a modalidade chamada de **Clínica de Extensão**, que se dá pelo atendimento do público-alvo em balcão, numa situação de envolvimento direto com o extensionista. Assim, o atendimento é personalizado (para o indivíduo ou o grupo), permitindo resolver pendências mais específicas. A Clínica de Extensão ocorre em locais que oferecem conforto, segurança e acesso a recursos de multimídia. A potencialidade está ligada ao fato da técnica permitir, de forma direta, a interação entre as partes, o que é muito favorável ao convencimento pessoal, além do fato de se poder dar tratamento personalizado. A limitação reside no fato de atingir um ou poucos indivíduos simultaneamente.

Por Meio de Líderes: É a técnica que consiste na identificação, por parte do extensionista, de líderes que terão a missão de repassar a mensagem para o público-alvo. Após a identificação dessas pessoas, as mesmas precisarão receber uma série de informações, no sentido de exercerem a contento sua missão. A identificação dessas pessoas é tarefa difícil, pois além de existir o falso líder, os verdadeiros, às vezes, por diversos motivos, não estão dispostos ou não podem colaborar. A potencialidade da técnica está ligada ao fato de lançar mão de pessoas inseridas na comunidade e com ascendência sobre as demais. A limitação é a própria dificuldade prática de se reconhecer essas pessoas na comunidade, principalmente o líder (o verdadeiro, o positivo). Igualmente, vale lembrar que nem sempre os líderes são aceitos por uma parcela da comunidade, no caso de se ter atritos decorrentes da busca de espaço entre atores sociais.

Por Meio de Agentes Difusores: É a técnica que consiste na identificação, por parte do extensionista, de pessoas que possuam habilidades para difundir idéias e práticas de interesse da extensão florestal, mas que não sejam líderes. É o caso de muitas pessoas que possuem estabelecimentos comerciais (bares, armazéns) em áreas rurais. Estes estabelecimentos servem como locais de referência da população, sendo assim, não podem ser desprezados em programas de extensão. Por meio de seus proprietários, podem ser distribuídos vários tipos de material, como cartilhas e jornais, além de servirem para se afixar cartazes e faixas, por exemplo. Essas pessoas precisam receber treinamento e o material necessário para executar a contento a missão extensionista. A idéia é exatamente contornar os possíveis problemas advindos da técnica anterior. Essa é a maior potencialidade da técnica. A limitação está ligada à dificuldade natural de se reconhecer estas pessoas nas comunidades, posto que nem sempre se vá lidar com proprietários de estabelecimentos. Isto pode tomar muito tempo, além de envolver aspectos subjetivos.

Técnicas da Via Participativa:

Dia de Campo: Refere-se ao trabalho extensionista concentrado em apenas um dia, quando são observadas “in loco” técnicas e práticas por parte do público-alvo. São convidadas várias pessoas, que podem ser distribuídas em grupos, a fim de facilitar o trabalho em campo. A potencialidade é a verificação na prática do trabalho extensionista, oportunidade em que o público-alvo pode constatar resultados satisfatórios, com alto grau de convencimento. Outro aspecto positivo dessa técnica extensionista é que atinge várias pessoas de uma única vez. A limitação está na dificuldade de se organizar o deslocamento das pessoas para a área onde se dará o dia de campo, além do controle necessário no que se refere a riscos de acidentes em relação aos visitantes. O controle de pessoas em campo não é tarefa fácil.

Curso Presencial: Refere-se à capacitação do público-alvo, por meio de cursos presenciais, ou seja, que exigem a presença da pessoa a partir de uma determinada frequência mínima. O curso precisa ter um título explícito, objetivos, nome do instrutor, carga horária, local onde se dará, sistema de avaliação e conteúdo programático. A potencialidade está na capacitação de grupos de pessoas, que além de conhecimentos teóricos poderão receber informações práticas. Igualmente, via de regra, essas pessoas recebem apostilas e roteiros de aulas, que facilitam a aprendizagem. A limitação está na própria organização do curso, a qual precisa ser feita com muito critério, a fim de não frustrar expectativas do público-alvo.

Curso com Tutoria à Distância: A técnica consiste na participação do público-alvo em cursos com uma característica ímpar: na primeira parte, o treinando estuda sozinho, em sua casa, o que implica dizer à distância, enquanto a outra se dá em sala de aula, sob a supervisão do responsável técnico pelo curso. Esse responsável técnico é chamado de tutor. Na primeira parte, o treinando estuda em apostilas, que são adquiridas com base em pagamento de taxa de inscrição. Essas apostilas contêm pré-testes, o assunto propriamente dito e pós-testes. Os pré-testes servem para medir o grau de conhecimento da pessoa antes de se envolver com a leitura do material, ou melhor, servem para aferir o estado atual de conhecimento. Os pós-testes, como o próprio nome indica, presta-se para avaliar a compreensão da pessoa após tomar contato com o assunto tratado na apostila. Após a fase de estudo à distância, os coordenadores do curso agendam a vinda dos treinandos, a fim de freqüentarem a parte assistida (tutorada) do curso, ocasião em que farão as avaliações previstas. Essas avaliações poderão ser teóricas e, ou práticas. A principal potencialidade da técnica é a sua flexibilidade, já que em apenas uma parte do curso há a exigência da presença da pessoa; isto é extremamente interessante para aquelas pessoas que não podem freqüentar um curso convencional, pois, muitas vezes, ocorrem em locais distantes de sua residência. A limitação está associada às possíveis dificuldades na aprendizagem à distância, causadas, via de regra, por falta de disciplina no estudo.

“Workshop”: Em inglês, significa literalmente “loja do trabalho”. É um evento que permite criar grupos de trabalho, no sentido de se informarem e discutirem temas de interesse, no caso da extensão florestal. Essas pessoas, reunidas por vários dias, podem trabalhar temas de interesse e, assim, se capacitarem para implantar técnicas extensionistas, por exemplo. A potencialidade está ligada à “imersão” das pessoas em assuntos do seu interesse, o que traz resultados rápidos. A limitação está na própria organização do evento, a qual precisa ser feita com extremo zelo e cuidado, para não frustrar expectativas.

Debate: É a técnica que permite ao extensionista discutir aspectos importantes com o seu público-alvo, individualmente ou em grupos. Esse debate precisa ser conduzido em recinto adequado, de tal forma a dar conforto às pessoas. Difere da técnica denominada aqui de conversa pessoal, pois se trata de um debate, e não de uma conversa propriamente dita. Sendo assim, o debate pressupõe discussão franca e aberta; em outras palavras, de diálogo livre e sem preconceitos. A potencialidade é construir, se bem conduzido, uma maior proximidade e respeito entre o extensionista e o público-alvo. A limitação, está na possibilidade do debate descambar para uma discussão, no sentido negativo do termo, em que não se respeita a opinião do interlocutor. O debate só tem sentido se permitir troca de idéias, consistentes e respeitadas.

Reunião: Num primeiro momento, pode indicar semelhança com o “workshop” e o debate.

Em relação ao primeiro, difere quanto ao fato da reunião tomar menos tempo e poder ocorrer de modo informal, não servindo para “imersão”. Quanto ao debate, difere por ter a função primordial de informar, admitindo-se, todavia, algum grau de discussão, mas sempre de forma objetiva, pois a reunião precisa ocupar pouco tempo para ser produtiva. Sendo assim, deve ficar claro que a reunião é um evento que busca a interação do extensionista com o público-alvo para fins de informação. A potencialidade está vinculada à agilidade e facilidade com que a técnica pode ser usada, desde que se tenha um recinto que ofereça comodidade às pessoas reunidas. A limitação pode surgir, caso a reunião não seja bem conduzida, o que implica dizer que não está sendo usada para informar, mas, sim, para outros propósitos, como discussões infrutíferas.

Visita Técnica: Refere-se ao deslocamento planejado de pessoas para visitarem determinado local, como por exemplo uma propriedade rural, em que o aspecto técnico de um determinado assunto será realçado. O objetivo é observar, mediante acompanhamento do anfitrião, técnicas e práticas de interesse do público que está visitando o local. A potencialidade está ligada à observação “in loco” de situações reais, ou seja, que apresentem grande poder de convencimento. A limitação se prende às dificuldades de se organizar a visita técnica, incluindo-se também os custos de deslocamento e a identificação de um local realmente interessante para ser visitado.

Campanha: É a técnica que consiste no engajamento conjunto do extensionista e do público-alvo para se atingir grandes objetivos, como por exemplo, a erradicação de uma praga florestal em determinada região. O extensionista interage com o público-alvo, que participa ativamente do processo, no sentido de atingirem outros indivíduos interessados em dar solução ao problema tratado na campanha. A eficácia da técnica está condicionada ao período de tempo em que ocorrerá, o que implica dizer que isso precisa ser definido com especial cuidado. A potencialidade está associada ao voluntarismo exigido pela técnica, o que torna as pessoas mais conscientes de sua cidadania. A limitação pode ocorrer, se considerada a possibilidade de atritos entre as pessoas que estão participando da campanha, no caso de haver pontos de vista diferentes sobre como se atingir os objetivos traçados, por exemplo. Isto pode ser evitado com a ação efetiva do extensionista na campanha; nesta situação terá condições de identificar o problema a tempo, para buscar as soluções cabíveis.

Gincana: É técnica se caracteriza pela competição entre equipes, em que ganha a que completar as tarefas com maior rapidez e habilidade. Esta competição, para obter um melhor sucesso, deve envolver premiação, a qual pode se restringir à equipe vencedora, ou até o terceiro lugar, mais comumente. No caso da extensão florestal, poder-se-ia organizar uma gincana, por exemplo, para verificar qual equipe planta mais árvores em um determinado período de tempo, mantida uma qualidade mínima na execução da tarefa, num programa de recuperação de matas ciliares. Isto pode ser

de grande utilidade para o trabalho extensionista, na medida em que a técnica tem uma grande capacidade de motivar as pessoas, fazendo com que absorvam conceitos e mudem comportamentos negativos. Talvez, esta seja a principal potencialidade da técnica, agregada ao fato de que esta competição, se bem conduzida, tende a fortalecer laços de amizade e respeito entre as pessoas, mesmo no caso de concorrentes, e destes com quem conduziu o processo – o extensionista. Ademais, se constitui, a rigor, em uma forma de entretenimento e de integração social. Por outro lado, na situação de se ter regras dúbias, falta de organização ou mesmo de premiação que não agrade aos participantes, é comum se verificar descontentamentos de toda ordem, com acirramento de ânimos, o que, evidentemente, não pode acontecer.

Torneio: É uma técnica que envolve a participação de concorrentes na busca de um determinado prêmio, por um desempenho conquistado em uma dada atividade. Difere da gincana, na medida em que naquela há a participação de equipes que executam tarefas, enquanto aqui ocorre o envolvimento de indivíduos. Para que atinja a contento os seus objetivos, deve haver um bom trabalho de divulgação do torneio junto aos potenciais concorrentes, bem como de registro de participantes. No caso da extensão florestal, poderia ser feito, por exemplo, um torneio relativo ao melhor manejo praticado na criação intensiva de animais silvestres (como capivara, paca, etc.), ou seja, que implicasse numa maior produtividade, em Kg de peso vivo, por idade. Do mesmo modo que a gincana, a potencialidade do método está ligada ao fato de envolver regras de competição, o que estimula as pessoas a obterem resultados melhores que os seus concorrentes. Portanto, apresenta um desafio implícito, que “fisga” as pessoas, e as induz no sentido de procurar desempenhos cada vez melhores. A limitação pode estar ligada ao acirramento dos ânimos, posto que envolve competição por desempenho, situação que pode provocar queixas de perdedores.

Técnicas da Via Escrita:

Carta: É um documento escrito, contido em envelope, que pode ser remetido para uma pessoa específica (nominal) ou na forma de circular (impessoal, visando atingir várias pessoas); neste último caso, inclui-se a chamada “mala direta”. Para fins práticos, precisa conter o remetente e o destinatário. Como se sabe, a carta pode ser entregue de modo oficial (Correios) ou oficioso (pessoa solicitada a fazer a entrega ou que se dispõe a tal). A potencialidade está na própria particularidade do método, que permite dirigir material escrito para um indivíduo ou grupo deles, evidenciando apreço e consideração, ou seja, distinção pessoal. A limitação principal é a abrangência, uma vez que a técnica atinge pessoas individualmente, ou no máximo grupo delas. Existem outras limitações no envio de cartas: extravios; homônimos; ser dirigida a pessoas analfabetas; locais inacessíveis em boa parte do ano.

Fax: Tal como a carta, é um documento escrito, diferenciando-se pela forma como o mesmo chega ao destinatário (por meio de aparelho de fax). Este aparelho se utiliza de uma linha telefônica para passar a mensagem. A principal potencialidade da técnica é a rapidez com que a mensagem flui, não havendo possibilidades de extravio, desde que se direcione a mensagem a quem de direito. A limitação mais óbvia refere-se aos custos, pois apresenta a desvantagem de exigir o aparelho de fax, tanto no remetente quanto no destinatário. Igualmente, que deve ser usada com muito critério, passando-se informações objetivas (documentos concisos), em vista do alto custo do telefone, em horário comercial.

Jornal: É um veículo escrito, na forma de periódico, que pode conter dados e informações relevantes e que, por isso mesmo, deve ser difundido para o público-alvo. A potencialidade está ligada ao fato de que o jornal trabalha com informações escritas e também com recursos visuais (fotos e desenhos), que, somados, ampliam a capacidade de entendimento do público-alvo. A limitação está na capacidade do extensionista em fazer chegar essas informações ao seu público-alvo, uma vez que muitos podem ser analfabetos e terem restrições culturais a esse tipo de veículo.

Revista: Tem as mesmas características básicas do jornal, já que também é um veículo escrito e que contém recursos visuais. A potencialidade e a limitação são as mesmas do jornal. Existem derivações de revistas na forma de **Boletins de Extensão** (linguagem mais técnica) e **Cartilhas** (na verdade, uma revista em quadrinhos). Nesses, são usados diversos tipos de ilustrações, tais como fotos, gráficos, desenhos, entre outros, visando um melhor entendimento das matérias por parte do público-alvo.

Folder: É um documento escrito, contendo dobras no papel, a fim de facilitar o seu manuseio e guarda por parte do público-alvo. Procura-se utilizar de escrita e recursos visuais no folder, de forma a realmente informar e despertar o interesse do público-alvo por um determinado assunto, como por exemplo uma nova técnica de secar madeira. A potencialidade é a própria síntese da informação repassada, uma vez que o folder possui poucas faces, mais comumente quatro, de acordo com as dobras feitas no papel. A limitação é que pode ser facilmente descartado pelas pessoas, uma vez se tratar de um pequeno pedaço de papel, além do fato de ser restrito ao público alfabetizado.

Panfleto/Folheto: Difere do folder, pois se trata de um documento essencialmente escrito, geralmente contendo apenas uma lauda (face); portanto não apresenta dobras no papel. É popularmente conhecido como “mosquito” ou “mosquitinho”, pois transmite a idéia de algo que vai se disseminando entre as pessoas. A potencialidade está associada à facilidade com que pode ser impresso (xerocado, mimeografado, feito em gráfica ou em impressora associada a computador) e distribuído. A limitação é que atinge apenas o público alfabetizado, além de poder despertar suspeitas, quando não se especifica a sua autoria.

Cartaz/Aviso: Trata-se de um documento escrito em papel, em apenas uma face, e que pode também conter algum recurso visual (foto, desenho), a ser necessariamente afixado em lugares de grande circulação de pessoas (rodoviárias, sindicatos, etc.). O seu objetivo é puramente informativo, não devendo ser usado para explicar detalhes. A potencialidade do método é a sua própria informalidade, além de atingir uma grande massa de pessoas em pouco tempo. A limitação é que atinge apenas o público alfabetizado, pelo menos mais diretamente.

Faixa: Consiste na confecção de uma faixa de tecido ou plástico, que contém dizeres sobre algo que se quer informar, no caso relacionados à extensão florestal. As letras precisam ser escritas em tamanho, forma e cores adequadas à visualização. Deve ser colocada, para uma melhor eficácia, em locais onde haja grande circulação de pessoas. O seu objetivo é essencialmente informativo. Não deve ser usada para explicar. A potencialidade da técnica é que atinge uma grande massa de pessoas, desde que a faixa seja colocada em locais bem visíveis e que sejam rotas de circulação de pessoas. A principal limitação é que atinge apenas o público alfabetizado, além da possibilidade de se constituir em poluição visual.

Placa: Refere-se a uma superfície lisa, de madeira ou metal, que se fixa a uma estrutura apoiada no solo. Nela, podem-se pintar informações de interesse da extensão florestal. Por ocupar uma superfície relativamente pequena, deve ser usada apenas para informar o público-alvo e não para fornecer detalhes. Deve ser usada em locais de grande circulação de pessoas, como por exemplo próximo de avenidas e rodovias. Igualmente, em locais específicos, no sentido de orientar pessoas, como no caso de trilhas usadas para programas de educação e interpretação ambiental. Desse modo, percebe-se que pode ser usada em ambientes urbanos e rurais, a depender do interesse do extensionista. A placa pode conter somente informações escritas ou ilustrações na forma de desenhos; em alguns casos ambas, em decorrência da necessidade de se ter uma comunicação mais explícita. A potencialidade da técnica está ligada ao fato de atingir muitas pessoas em pouco tempo, se comparada a outras formas de comunicação, desde que usada convenientemente. A limitação se prende ao fato de que as placas precisam ser substituídas periodicamente, em vista da ação de intempéries, bem como se for levada em consideração a ocorrência de vandalismo, em que, não raro, as mesmas são removidas ou pichadas.

“Outdoor”: Tal como a placa, consiste numa superfície lisa, de madeira ou metal, que é apoiada no solo. Difere da mesma, pois ocupa uma maior área específica (de exposição), sendo que não recebe pintura diretamente, mas sim o recobrimento de papel impresso, o qual é colado à sua superfície. Serve essencialmente para informar e não para passar detalhes. Na verdade, é um método sofisticado, pois possui custo relativamente alto, tendo em vista que os “outdoors” devem ser colocados em locais nobres, ou seja, de grande visibilidade, o que implica dizer que o aluguel do espaço demanda

expressiva soma de dinheiro. É adequado para ambientes urbanos. A vantagem mais evidente é que o método permite que se atinjam muitas pessoas em tempo relativamente curto. A principal limitação é a conjugação do aspecto financeiro com o fato de que o “outdoor” representa um método temporário, posto que o aluguel do espaço se dá por um determinado período de tempo. Ademais, como no caso das placas, é razoável admitir a possibilidade de vandalismo, ocasião em que os “outdoors” são derrubados ou pichados.

Superfície de Muros e Paredes em Geral: A superfície de muros ou mesmo de paredes de casas, galpões, entre outros tipos de edificações, pode receber ilustrações as mais diversas, no sentido de transmitir mensagens extensionistas. Estas superfícies normalmente são de concreto, mas podem também ser de madeira ou de outro material passível de ser usado. Deve ser usada apenas para informar, pois é de se esperar que as mensagens ocupem espaços reservados. Para uma maior capacidade de comunicação, devem ser usadas superfícies próximas às rotas de deslocamento de pessoas, como grandes avenidas ou construções situadas ao longo de rodovias. A possibilidade de atingir um grande número de pessoas, de forma rápida e sem maiores custos, é a principal potencialidade da técnica. A limitação mais evidente é que as mensagens precisam receber manutenções periódicas, por estarem expostas às intempéries, além de eventuais pichações.

Lousa: Também conhecida como quadro-negro. Constitui-se em uma superfície retangular, apoiada em parede ou tripé, que permite ao extensionista escrever e, ou desenhar sobre a mesma. Como se sabe, essa superfície geralmente é de madeira ou alumínio. No primeiro caso, escreve-se com giz, e no outro com pincel mágico. É, portanto, um recurso que pode ser usado em ambientes fechados, pelo fato da lousa estar apoiada na parede, ou em áreas abertas, quando se usa um tripé. Essa flexibilidade no uso da lousa é uma de suas maiores potencialidades. Igualmente, o método conjuga o que está sendo escrito/desenhado na lousa, com a explicação dada pelo extensionista, o que faz com que o público-alvo tenha uma maior possibilidade de absorver as informações. Em outras palavras, o método combina a informação gráfica (palavras, desenhos) com a fala (explicação) do extensionista, em uma evidente sinergia. A limitação da técnica está vinculada às exigências naturais de um recurso que trabalha com o aspecto visual, ou seja, ele demanda organização de espaço e capacidade do extensionista de escrever/desenhar com habilidade. No caso de ser usada no campo, dependerá das condições climáticas.

Técnicas da Via Auditiva:

Telefone: É o aparelho que permite a transmissão de sons à distância. A técnica se prende ao uso do telefone para informar ou orientar pessoas. A potencialidade é a distinção que se dá à pessoa

que recebe o telefonema, fazendo-a se sentir prestigiada e diferenciada das demais. A limitação está associada a possíveis constrangimentos que possam ocorrer quando se estabelecem contatos telefônicos, como pressa, gagueira e bloqueio ao falar, sem contar a necessidade de se ter o aparelho para se estabelecer o contato. Outro limitante severo é a capacidade auditiva das pessoas, que muitas vezes não conseguem se comunicar adequadamente por este tipo de veículo.

Rádio: É o aparelho eletrônico usado para reproduzir programas radiofônicos, transmitidos em ondas curtas, médias e longas, além de frequência modulada (FM). É um veículo de grande penetração nos meios rural e urbano e que trabalha, evidentemente, no campo auditivo. Funciona na rede elétrica ou com baterias, o que amplia o seu uso. Trata-se de uma técnica muito poderosa, pois o rádio é uma forma de comunicação tradicional e que goza de grande credibilidade junto às pessoas, notadamente do meio rural. Em muitos casos, o rádio representa o único “companheiro” da pessoa ou família. Isso demonstra a potencialidade da técnica. A limitação é a necessidade de se contar com o aparelho, além de eventuais dificuldades auditivas de algumas pessoas, notadamente as mais idosas.

Rádio Amador: A técnica consiste na veiculação de informações de interesse da extensão florestal, mediante a participação de pessoas que se utilizam de rádios amadores. São equipamentos de comunicação que operam em determinadas ondas sonoras, as quais são captadas por outras pessoas, inclusive em outros países. Os operadores deste veículo são conhecidos por seu espírito de solidariedade, uma vez que, via de regra, se envolvem com a difusão de informações de utilidade pública. A principal potencialidade da técnica é o seu alcance, mesmo às grandes distâncias, incluindo-se regiões carentes em termos de infra-estrutura de comunicação, comuns em nosso meio rural. A limitação está, sem dúvida, ligada aos custos desses equipamentos, bem como ao fato de que, para seu uso pleno, haver a necessidade de difundi-lo mais em nosso país.

Alto Falante: É a técnica que consiste no uso de amplificadores de som em pontos fixos ou em veículos que circulam (carros, carroças, caminhões, etc.), no sentido de difundir alguma informação importante para a extensão florestal. A potencialidade é a própria informalidade do método, o que significa dizer que induz a pessoa a pensar que se trata de uma “conversa em voz alta”. A limitação está associada a possíveis desconfortos para algumas pessoas, pelos ruídos produzidos pelo alto falante.

Evento Político ou Religioso: Refere-se à veiculação de mensagens extensionistas em meio a eventos de cunho político ou religioso. No primeiro caso, em comícios ou inaugurações. No caso religioso, em cultos ou missas, por exemplo. Na ocasião, tendo em vista solicitação antecipada, o extensionista teria a oportunidade de transmitir, pela fala, alguma informação julgada importante, a seu critério, com o intuito específico de informar, uma vez que o tempo nestas situações é restrito. Um tipo de mensagem cabível nesta situação seria, por exemplo, a informação de que chegou à região uma nova máquina de beneficiar sementes florestais. A potencialidade está ligada ao fato de que se irá usar um

veículo de divulgação já organizado, em que as pessoas presentes devem estar interessadas naquilo que se irá tratar. Sendo assim, deverão estar naturalmente dispostas a ouvir os organizadores do evento e, conseqüentemente, seus convidados. No caso específico de eventos políticos, a mensagem extensionista pode ser difundida em momentos de descontração ou em intervalos, facilitando inclusive a sua assimilação. É condição básica para a adoção da técnica, que o extensionista não associe o que está transmitindo com aspectos tratados no evento, a fim de minimizar a associação que se possa fazer dele com os organizadores. Neste sentido, a limitação óbvia, para ambos os tipos de evento, é a já mencionada associação que se pode fazer dos organizadores com o extensionista. Isto é uma “faca de dois gumes”, pois pode ser bem ou mal recebida pelas pessoas que não participaram dos eventos, a depender de sua inclinação política ou crença religiosa.

Palestra: É uma técnica que consiste na fala de um orador para um determinado público-alvo, usando-se de diferentes métodos didáticos (lousa, projetor de “slides”, retroprojetor, “data-show”, etc.). A palestra deve ocupar um tempo máximo de 60 minutos, a fim de facilitar a assimilação por parte do público-alvo das informações repassadas. Serve fundamentalmente para difundir idéias, sem entrar em detalhes, que são mais indicados para cursos presenciais. A potencialidade está vinculada ao fato de se atingir várias pessoas simultaneamente. A limitação pode ser observada, caso o expositor não tenha o dom da palavra e, ou não disponha de bons recursos visuais a serem mostrados ao público; isso certamente trará dificuldades de assimilação de informações.

Semana, Congresso, Simpósio e Similares: Diz respeito à ocupação de determinado público-alvo em eventos que duram no máximo 5 dias úteis, e que têm por objetivo discutir, no nosso caso, assuntos relacionados à extensão florestal. Na oportunidade, são apresentados trabalhos na forma oral ou em “poster”. A principal potencialidade da técnica, pelo ângulo do público-alvo, é a possibilidade de se informar sobre assuntos diversos e conhecer pessoas que trabalham com temas do seu interesse. A maior limitação é o tempo que se deve reservar para participar desses eventos, agravado pelo fato de que poderão ocorrer em locais distantes da sede do nosso público-alvo.

Música: É a técnica que lança mão deste recurso auditivo de grande capacidade comunicadora – a música – uma das maiores formas de manifestação cultural da humanidade, que se traduz pela combinação de sons, de modo agradável ao ouvido. Por meio de canções mais elaboradas e concebidas musicalmente (letra, arranjo, acompanhamento) ou mesmo de cantigas mais simples, se podem levar a mensagem extensionista, como por exemplo a necessidade de se conservar as matas e os rios. Estas músicas podem ser inéditas ou não, a depender do interesse do extensionista. Podem ser utilizadas músicas de fácil comunicação, quando se estiver trabalhando com crianças, ou mesmo aquelas de maior aceitação regional (estilo sertanejo para o meio rural, por exemplo), numa ampla gama de possibilidades, sejam na forma gravada ou gerada ao vivo. Estas são as maiores potencialidades da

técnica. Associa-se a isto o fato de que a música tem o “poder mágico” de alegrar as pessoas, conforme se sabe pelo famoso dito popular: “quem canta, seus males espanta”. Igualmente, a música tem a capacidade de se associar a outras formas de manifestação extensionista, como peça teatral, gincanas, rádio, televisão, entre outras. A principal limitação, se é que se pode entendê-la como tal, é a possibilidade de não se dispor de meios para a execução musical, como a ausência de instrumentos, ou de recursos para produzi-la, caso de não se ter às mãos toca-fitas, vitrolas, entre outros. Mesmo assim, numa demonstração da força da técnica, sabe-se que é possível superar esta limitação, mediante o improviso do canto puro e simples, em que a voz seria o “instrumento musical”.

Técnicas da Via Expositiva:

Feira e Exposição de Produtos em “Stands”: Como o próprio termo induz a pensar, é uma técnica que mostra, por meio de exposição, produtos de interesse da extensão florestal, como motosserras, sementes e mudas, entre outros. Nos “stands”, via de regra, encontram-se profissionais capacitados a explicar detalhes dos produtos, bem como sobre as técnicas e práticas pertinentes. Igualmente, nestes espaços são afixados painéis contendo fotos, mapas, esquemas e tudo quanto esteja relacionado ao que se quer expor. A potencialidade está associada à observação direta dos produtos, que tem grande poder de convencimento, sem contar a possibilidade de interagir com profissionais da área e outros tipos de pessoas. A limitação está quase sempre ligada aos custos para se organizar esse tipo de evento, pois envolve deslocamento de máquinas e pessoas.

Unidade Demonstrativa: Refere-se à técnica de estabelecimento de parcelas contendo tratamentos, que procuram evidenciar para determinado público-alvo a eficácia de certas práticas. A partir dessas unidades, têm-se dados e, ou informações altamente convincentes, já que podem ser observados diretamente pelo público-alvo. Isso se constitui na principal potencialidade da técnica. A limitação se prende ao rigor metodológico que se deve dispensar na instalação e condução dessas unidades demonstrativas. Igualmente, para que se tenha uma unidade demonstrativa bem consolidada e, portanto, com forte apelo didático, se faz necessário, muitas vezes, aguardar um significativo período de tempo.

Maquete: É um modelo feito em miniatura, com materiais os mais diversos, e que se presta para demonstrar uma situação desejada, como por exemplo, como ficará a área de uma bacia hidrográfica após o reflorestamento em locais de preservação permanente e reserva florestal legal. A potencialidade é o aspecto didático da técnica, ou seja, o fato desses modelos serem auto-explicativos (são intuitivos e facilmente compreendidos). A limitação é o seu custo de fabricação.

Técnicas da Via Festiva:

Show: São eventos caracterizados pela apresentação de artistas. Normalmente, abrem-se espaços para a divulgação de notas de interesse público, tais como assuntos relacionados à extensão florestal. A potencialidade está associada ao repasse de mensagens extensionistas para um grande número de pessoas, simultaneamente. A limitação está relacionada ao fato de, em muitos casos, a mensagem não ser bem assimilada pelas pessoas presentes, pois estão mais preocupadas, nessas situações, em se divertir.

Festa: Guarda similaridade com o show, pois também se trata de um evento em que se convidam artistas e se abrem espaços para a veiculação de mensagens de interesse público. A diferença é que a festa se refere a algum produto específico (uva, morango, no caso agrícola; máquinas florestais, no nosso caso). A potencialidade e a limitação são as mesmas da técnica denominada de show.

Comemoração: Trata-se do método relacionado à comemoração de alguma data festiva, como por exemplo o Dia da Árvore. Na ocasião, são usadas várias táticas de comunicação e demonstração, no sentido de passar ao público-alvo alguma mensagem extensionista. Talvez, por ser a mais usada normalmente, a tática de “deixar o público-alvo fazer algo” seja a mais importante, uma vez que permite uma maior interação do extensionista com os presentes à solenidade. No caso do Dia da Árvore, por exemplo, estimula-se o plantio de mudas por parte de autoridades e de representantes do público-alvo. A maior potencialidade do método é que é interativo, ou seja, o público-alvo pode “arregaçar as mangas” e fazer algo prático (plantar a muda, por exemplo), “ombro a ombro” com pessoas tidas como importantes e influentes (o próprio extensionista, em certos casos; o dirigente político presente à solenidade, entre outros); e isso é, em essência, motivador. A limitação está associada à possibilidade da comemoração se tornar muito formal, tornando-a um acontecimento maçante.

Peça Teatral: É um tipo de manifestação cultural que envolve a representação de atos, num local denominado de palco, por meio de atores, com o objetivo de se comunicar com a platéia. É um recurso muito valioso para os propósitos da extensão como um todo, pois por meio da peça teatral se pode veicular mensagens para o público-alvo (platéia). Por exemplo, a peça teatral poderia tratar da temática desmatamento em áreas ciliares, passando a mensagem de que isto não deve ser feito, e o que se poderia fazer para se recuperar o ambiente degradado. Com isto, incutem-se na platéia valores desejáveis de comportamento, num trabalho explícito de extensão. Numa modalidade muito particular, pode-se até envolver o público-alvo nos atos, tornando-os também “atores”. Como se vê, é uma técnica que permite muitas adaptações, além do fato de se constituir, em essência, numa forma de

entretenimento e integração social. Estas seriam suas principais potencialidades. A limitação mais óbvia é que a técnica exige uma boa organização, não só para pesquisar e escrever roteiros interessantes, mas também em relação a figurinos e cenários, além de um mínimo de infra-estrutura, como palco, assentos e camarins. Todavia, é bem verdade que, na prática, se pode improvisar, realizando peças teatrais mais simples, em que não se necessitaria de muitos recursos. Isto dependerá, em muito, da habilidade do extensionista em relação ao tema teatro.

Técnicas da Via Visual:

Álbum Seriado: É o método que se utiliza de um tripé, onde são fixadas folhas de cartolina ou de outro papel resistente, as quais recebem anotações as mais diversas, como frases e desenhos, no sentido de se criar um canal de comunicação com o público-alvo. As anotações, feitas com letras e desenhos bem visíveis e com cores diferentes, visam atender princípios pedagógicos. O expositor vai passando as folhas, uma a uma, e fazendo considerações pertinentes, o que gera uma seqüência de raciocínios e, conseqüentemente, uma indução desejável em termos de aprendizagem do público-alvo. Não se recomenda retornar folhas após terem sido expostas; daí a necessidade de se esgotar as considerações referentes àquela folha que está sendo mostrada. A potencialidade da técnica está ligada à relativa facilidade de se montar álbuns seriados, sem contar que podem ser usados em locais abertos (no campo, por exemplo). Ademais, alguns modelos de tripé são desmontáveis, o que facilita sobremaneira o seu transporte. A limitação se concentra no fato de que é um recurso que pode se depreciar rapidamente, caso não se tome cuidados, pois as folhas de papel podem rasgar e sujar com facilidade, exigindo trocas constantes.

Televisão: É o aparelho eletrônico que capta sinais eletromagnéticos na forma de imagens e sons. Estas imagens podem ser captadas em cores ou em preto e branco, conforme o modelo do televisor. Existem os canais abertos e pagos; estes últimos são acessados por assinatura. Tal como o rádio, é um veículo tradicional e de grande aceitação. É, por sua penetração nos meios rural e urbano, independente da faixa econômica a que pertence o indivíduo, um importante aliado da extensão florestal. A veiculação de mensagens pode ser feita por meio de espaço comercial (propaganda), dentro de reportagens ou contando com um programa específico para tal. A potencialidade está ligada à sua penetração em distintas camadas da população. A limitação básica reside no fato de se ter o aparelho, bem como em relação ao custo para se dispor de espaços comerciais ou produzir programas próprios.

Videocurso: É uma técnica composta de dois elementos: uma fita de vídeo, em VHS, e um roteiro (apostila) escrito, referente ao conteúdo da mencionada fita. Há a necessidade, evidentemente, de uma televisão e de um videocassete para se usar a técnica. A potencialidade está ligada à facilidade

de se absorver conhecimentos por meio da técnica, pois fica à disposição a fita (recurso visual e auditivo) e o material apostilado. Há, também, a possibilidade de se ver a fita quantas vezes for necessário, incluindo-se o retorno da mesma até pontos em que se deve ter mais atenção. A limitação se prende à necessidade de se dispor de televisão e videocassete, além do custo do videocurso em si, em face de direitos autorais.

Vídeo: Guarda similaridade com a técnica anterior, sendo a única diferença o fato de não se dispor do material apostilado (roteiro escrito que acompanha a fita). A potencialidade é a mesma da técnica anterior, excluindo-se o material apostilado. A limitação é a necessidade de se contar com os recursos televisão e videocassete.

Técnicas da Via Digital:

“Software” Interativo: Essa técnica se utiliza de programas de computador (“softwares”) interativos, ou seja, que permitem interferências do usuário, na medida em que se pode entrar com dados, manipular variáveis qualitativas e quantitativas e gerar informações segundo diferentes critérios. Estes “softwares” podem ser obtidos via disquetes ou CD-ROM’s, ou fazendo-se “downloads” de arquivos disponíveis em “sites” da Internet. Tendo em vista direitos autorais, é de se esperar que o acesso a estes programas de computador exija o pagamento de taxas. Todavia, com a atual proliferação de “softwares” alternativos (não entender como “piratas”), feitos por pessoas físicas ou instituições interessadas apenas em disponibilizar seus produtos para uma massa maior de pessoas, pode-se esperar também a possibilidade de se obter de forma grátis estes programas, normalmente por meio de “downloads”. Na extensão florestal poderia, por exemplo, simular resultados de produtividade de diferentes cultivos, segundo formulações de adubo NPK. A potencialidade está associada à própria técnica em si, pois permite a interação com o usuário, o que é altamente didático e desejável. A limitação, sem dúvida, quando for o caso, refere-se aos custos desses programas de computador, além da necessidade de equipamentos (computadores e periféricos) e de conhecimentos básicos em computação.

“Software” Não-Interativo: Difere do anterior, na medida em que não permite interação com o usuário. Ou seja, o usuário acessa nestes disquetes ou CD-ROM’s apenas o seu conteúdo, de caráter informativo, que procura repassar conhecimentos, no caso relacionados ao tema extensão florestal. Geralmente, são recursos que permitem o treinamento de pessoas, pois disponibilizam informações sobre como fazer algo, por exemplo, o que é muito útil aos propósitos da atividade extensionista. Difere do curso “on line”, discutido mais à frente, já que não é ambientado na Internet, o que implica dizer que o usuário trabalha só, sem a coordenação de um tutor. A vantagem básica é que permite

flexibilidade de horários para se trabalhar, visto que depende exclusivamente do usuário. As principais limitações são: exige disciplina para um aproveitamento adequado; demanda conhecimentos básicos de informática; e pode ter custo elevado, em face do eventual pagamento de direitos autorais. Deve-se mencionar que, tal como para o caso anterior, o acesso ao recurso pode não envolver pagamento, sendo feito por meio de “downloads”.

Técnicas da Via Internet:

Email: Refere-se ao documento que pode ser impresso e que vem via Internet, de um usuário a outro. Podem ser agregados arquivos (“attach file”) nesses emails, o que potencializa sobremaneira a técnica. É, na verdade, uma técnica que lembra muito à carta comum (via correio convencional) ou o fax, se diferenciando, obviamente, na agilidade com que flui de uma pessoa a outra. Por meio de recursos simples, é possível enviar o mesmo email para várias pessoas, de forma simultânea. Em essência, essas são as potencialidades da técnica. A limitação se mede pela capacidade do público-alvo interagir com essas técnicas mais modernas (via Internet, de forma geral), bem como se for levada em conta a “invasão” que permite, ou melhor, o fato de que o email pode chegar a pessoas que não se interessam pelo assunto veiculado. Quanto a esta “invasão”, devem-se instalar filtros no sistema.

Videoconferência: É um recurso moderno, associado às tecnologias da Internet. Trata-se de uma conferência (diálogo entre partes) à distância, por meio da transmissão “on line”, via telão ou outra forma de projeção da imagem. Permite, portanto, que pessoas, mesmo em regiões muito distantes entre si, troquem informações e impressões sobre assuntos os mais diversos; no nosso caso, relacionadas aos temas de interesse da extensão florestal. Essa realidade virtual, ou melhor, a possibilidade de interagir, no próprio instante, com pessoas que se encontram em outros locais, é a maior potencialidade da técnica, sem dúvida. A limitação está nos custos de produção e de transmissão da videoconferência.

“Sites”: São os locais (endereços) na Internet, em que se podem buscar informações de interesse do público-alvo. Em linguagem de Internet, são os endereços em que o internauta “navega”. Por meio de sistemas de busca (Yahoo, Cade, AltaVista, etc.), podem ser capturados dados e informações de grande interesse em termos gerais; no nosso caso, relacionados à extensão florestal. Nesses sites se pode fazer “download”, ou seja, “baixar” (capturar) arquivos, o que é altamente interessante. A maior potencialidade é a agilidade conferida pela técnica. A limitação se prende ao domínio da técnica por parte do público-alvo, além dos custos relacionados aos equipamentos que permitem acesso à Internet, ainda fora do alcance de muitas pessoas no Brasil.

Lista de Discussão: Por meio da Internet é possível participar de listas de discussão sobre assuntos específicos, tais como fomento florestal, impactos ambientais, entre outros. Representa um

endereço na Internet, para onde são dirigidas as mensagens que se quer compartilhar com os outros membros da lista. Este veículo possui um responsável, a quem cabe intervir quando a lista estiver sendo usada para outras finalidades, tais como comércio de produtos ou simplesmente para “bate papo”. A técnica permite receber e transmitir dados e informações, além da discussão de assuntos propriamente ditos, viam emails. Difere da técnica de emails, pois aqui, a essência é permitir o “debate” via Internet, enquanto que no email, “per si”, se está trabalhando com o envio de mensagens eletrônicas unidirecionalmente. A potencialidade e a limitação da técnica são as mesmas do método anterior.

Curso “On Line”: Também por meio da Internet é possível se fazer cursos. Obviamente, não são cursos presenciais em sala de aula. O treinando recebe, via Internet, o material a ser estudado, além das questões que deve responder. Há a interação ágil com o instrutor, o que revela a principal potencialidade do método. A limitação é a mesma do método dos “Sites”.

Conhecida as técnicas, deve-se ter em mente que não existe uma melhor que a outra, pois a questão não passa por critério de valor, mas, sim, pelo fato de ser mais apropriada que a outra em determinada circunstância. Por outro lado, vale dizer que a principal, sem dúvida, é a **Conversa Pessoal**, pois foi a primeira forma de manifestação extensionista. Como dizem os matutos: “nada melhor que um dedo de prosa”.

TÉCNICAS DE MEDICÃO, VALORAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS

No item anterior, foram apresentadas e discutidas as técnicas de comunicação e extensão que têm aplicação na área florestal. Elas servem para difundir a mensagem extensionista. Nesse sentido, cabe agora explicitar considerações sobre as técnicas que procuram medir, valorar (dar valor, importância) e interpretar os resultados obtidos com a aplicação das técnicas de comunicação e extensão junto ao público-alvo.

Em termos de medição dos resultados obtidos, são levados em consideração, via de regra, **indicadores de produção** (por exemplo, metros cúbicos de madeira por hectare/ano), **indicadores ambientais** (por exemplo, hectares reflorestados em matas ciliares), **indicadores sociais** (por exemplo, número de dias ocupados com tal tarefa, número de dias sem ocorrência de acidentes no trabalho), **indicadores culturais** (por exemplo, tempo dedicado a programas de alfabetização) e **indicadores econômicos** (por exemplo, incremento na renda do trabalhador florestal, acréscimo no preço médio pago pelo produto de origem florestal).

Essa medição pode ser feita de diversos modos, conforme se demonstra abaixo:

- **Acompanhamento direto e explícito do extensionista:** O próprio extensionista quantifica e, ou qualifica os resultados alcançados a partir do seu próprio trabalho, ou seja, aponta esses dados, por meio de documentos criados por ele mesmo ou por superiores.
- **Aplicação de questionários, por parte do extensionista, junto ao público-alvo:** O questionário se refere a um documento escrito, na forma de perguntas, que são encaminhadas ao respondente. Esse, isoladamente, responde às questões formuladas. Posteriormente, há a necessidade de se tabular esses dados.
- **Aplicação de formulários, por parte do extensionista, junto ao público-alvo:** O formulário se refere a um documento escrito, na forma de perguntas, que são respondidas numa situação face-a-face com o entrevistador. Como é o próprio extensionista que preenche o formulário, ou melhor, que atua como entrevistador, fica facilitado o trabalho de tabulação dos dados obtidos.

Já a valoração, que é a importância atribuída ao resultado alcançado com o trabalho extensionista, é mais comumente obtida com **entrevistas conduzidas pelo extensionista junto ao público-alvo**. Outra forma, é utilizar-se de **terceiros como entrevistadores**, no sentido de evitar induções por parte de um ator interessado – o extensionista. A obtenção de **testemunhos espontâneos** (do público-alvo, de agentes difusores e de líderes ou representantes comunitários) também se presta

para medir o grau de aceitação (valor atribuído) da técnica extensionista empregada, e, por consequência, do resultado obtido com a mesma.

A interpretação dos resultados obtidos com a prática extensionista precisa sempre levar em conta o **cenário anterior**. Somente assim se pode interpretar o grau de alteração que a técnica trouxe; o quanto ela interferiu nos indicadores de produção, ambiental, social, cultural e econômico. Portanto, deve-se contar com diagnósticos prévios desses indicadores, a fim de correlacioná-los com aqueles resultantes após a adoção da técnica extensionista. Os resultados alcançados podem ser consolidados na forma de **gráficos, tabelas e figuras (histogramas, “pizzas”)**, pois os mesmos apresentam grande apelo didático.

O PLANO DE EXTENSÃO FLORESTAL: CONTEÚDO E FORMA

Primeiramente, deve-se entender que o Plano de Extensão Florestal representa o documento escrito, fruto do planejamento feito para se atingir os objetivos traçados pelo extensionista.

Portanto, como qualquer plano, precisa apresentar um conteúdo mínimo, o que significa dizer que deve considerar necessariamente alguns itens. São eles, segundo sua seqüência lógica: **Título; Identificação da(s) instituição (ões) envolvida (s) e do(s) profissional (is) responsável (is) pela execução; Local e ano da edição; Identificação do problema e do público-alvo; Objetivos; Metas; Técnica(s) de comunicação e extensão a ser(em) utilizada(s) ; Técnica(s) de medição, valoração e interpretação dos resultados obtidos a ser (erem) utilizada(s); e Anexos.** A seguir, se faz uma explicação de cada um desses itens, procurando-se mostrar também a forma como devem ser apresentados.

Título (nome): Em caixa alta (todas as letras em maiúsculo), deve-se escrever o título do Plano. Para que possa, efetivamente, passar ao leitor a visão correta do que pretende, deve ser conciso e ater-se aos objetivos que se quer alcançar. Deve sempre aparecer na folha de rosto do documento.

Identificação da(s) instituição (ões) envolvida (s) e do(s) profissional (is) responsável (is) por sua execução: Também em caixa alta, deve-se escrever o nome na íntegra, seguida da respectiva sigla (se for o caso) de todas as instituições (pessoas jurídicas) envolvidas com a execução do plano. Não há necessidade de relacionar, nesse item, aquelas instituições que apenas irão colaborar na execução do Plano. Essas, serão mencionadas ao longo do Plano, no momento oportuno, no item Identificação do problema e do público-alvo. Quanto ao(s) profissional (is) responsável (is), deverá (ão) constar o(s) seu (s) nome(s), na íntegra, seguido(s) do(s) seu(s) respectivo(s) registro(s) profissional(is) (número do CREA, por exemplo). As informações sobre os profissionais também deverão ser escritas em caixa alta, a fim de destacar a(s) pessoa (s) que estará (ão) envolvida (s) com a execução do Plano. Esse item, tal como o título, deve necessariamente aparecer na folha de rosto do Plano.

Local e ano da edição: Refere-se à informação sobre o local (município e unidade federativa) e ano da edição (publicação) do Plano de Extensão. Serve para controle de documentos, na medida em que explicita dois parâmetros (local e ano) de relevante interesse histórico e estatístico. Para melhor visualização, é interessante que o local e o ano de edição do documento sejam escritos em caixa alta.

Identificação do problema e do público-alvo: É a introdução ao conteúdo do Plano propriamente dito. Precisa ser escrito de forma sucinta, pois visa tão somente introduzir (sintonizar) o

leitor em relação ao problema que se quer resolver, via extensão florestal, com a citação explícita do público-alvo. Se for cabível, citam-se referências bibliográficas. Essas referências são citadas nos Anexos, conforme normas correntes.

Objetivos: Os objetivos precisam ser escritos com o verbo no Infinitivo (Promover, Treinar, Capacitar, etc.) . Esse verbo deve iniciar a frase, ou seja, o objetivo explicitado. Deve-se ter um objetivo geral (maior), seguido de objetivos específicos (secundários; que ao serem atingidos em sua totalidade, permitem alcançar o objetivo geral lançado). Os objetivos são, na verdade, as intenções do Plano.

Metas: Representam resultados que se quer alcançar ao longo do tempo, como por exemplo, quanto produtor rural se pretende capacitar em uma determinada técnica florestal, até o primeiro ano de implantação do Plano de Extensão Florestal. Devem ser apresentadas de forma objetiva (sucinta e direta), exatamente para facilitar o seu entendimento. Também devem conter o verbo no Infinitivo.

Técnica (s) de comunicação e extensão a ser (em) utilizada(s): Na verdade, são os procedimentos metodológicos que deverão ser colocados em prática, no sentido de se atingir os objetivos traçados. Há necessidade de apontar a técnica a ser empregada, o público-alvo a que se destina, o responsável por sua implementação, e em que tempo (prazo) isso ocorrerá.

Técnica (s) de medição, valoração e interpretação dos resultados obtidos a ser (erem) utilizada (s): Devem-se explicitar, nesse item, todas as técnicas que serão usadas para medir, valorar e interpretar os resultados alcançados junto ao público-alvo, a partir das técnicas de comunicação e extensão empregadas. Em termos de medição, deve-se deixar claro que indicadores serão usados (de produção, ambiental, social, cultural e econômico), bem como o(s) método (s) a ser(erem) empregado (s) na coleta da informação (acompanhamento direto e explícito do extensionista; aplicação de questionário; aplicação de formulário). No que tange à valoração, que métodos serão empregados para aferir a importância dada aos resultados obtidos (entrevista junto ao público-alvo conduzida pelo próprio extensionista; entrevista junto ao público-alvo conduzida por terceiros; testemunhos espontâneos). Quanto à interpretação dos resultados obtidos, deve-se mencionar explicitamente como isso será feito, ou seja, se via gráficos, histogramas, etc.

Anexos: Nesse item, são incluídas todas as informações coadjuvantes que se mostram relevantes à compreensão do Plano. Por exemplo, são incluídos nos Anexos os mapas da área onde se executará o Plano; além de cópia de Contrato entre as partes interessadas, que especifica responsabilidades e custos; eventuais referências bibliográficas; entre outras informações.

A fim de induzir uma melhor compreensão da forma e do conteúdo do Plano de Extensão Florestal, será colocado um exemplo, a seguir.

EXEMPLO FICTÍCIO

+++++
**PLANO DE EXTENSÃO FLORESTAL PARA INTERLIGAR REMANESCENTES
VEGETAIS NATIVOS NA FAZENDA ESPERANÇA, MUNICÍPIO DE VIÇOSA-MG**
+++++

Instituições Envolvidas na Execução:

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (UFV)
SOCIEDADE DE INVESTIGAÇÕES FLORESTAIS (SIF)**

Profissionais Responsáveis:

**ELIAS SILVA
ENGENHEIRO FLORESTAL - CREA 39.009/D
(PROFESSOR DO DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA FLORESTAL DA UFV E
PESQUISADOR DA SIF)**

**ANTÔNIO DUARTE
TÉCNICO FLORESTAL – CREA 42.889/D
(TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO DA SIF)**

VIÇOSA – MINAS GERAIS - 2013

IDENTIFICAÇÃO DO PROBLEMA E DO PÚBLICO-ALVO:

O Estado de Minas Gerais, e particularmente a Zona da Mata Mineira, onde está inserido o município de Viçosa, experimentou, ao longo do tempo, uma substituição indiscriminada de sua cobertura vegetal nativa. Hoje, em Viçosa, a mesma se encontra, em sua quase totalidade, fragmentada e muito empobrecida floristicamente. Os remanescentes vegetais nativos ocorrem, praticamente, apenas nos altos de morro e em algumas encostas mais íngremes, exatamente onde houve uma inibição natural ao processo de desmate, que visava ocupar essas áreas com lavouras e pastagens, principalmente.

No caso específico da Fazenda Esperança, de propriedade do Sr. José Araújo, que se localiza em Viçosa, ocupando uma área aproximada de 250 hectares, a mesma situação se verifica. A área com vegetação nativa dessa fazenda perfaz 25 hectares aproximadamente, ou seja, cerca de 10% do total, na forma de 10 fragmentos, o que dá uma média de 2,5 hectares por remanescente.

Como o proprietário da área está interessado em fazer a interligação desses remanescentes, uma vez que pensa em gravá-los futuramente como uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN), é que se elaborou esse Plano de Extensão Florestal. Esse Plano se justifica, na medida em que, quando os remanescentes estiverem interligados, a área se prestará como Unidade Demonstrativa, servindo, desse modo, para difundir junto a outros proprietários rurais, a idéia de recuperar esses ambientais florestais.

OBJETIVOS:

Objetivo Geral:

- Interligar os remanescentes vegetais nativos da Fazenda Esperança, Viçosa, Minas Gerais, de modo a criar uma Unidade Demonstrativa para a Zona da Mata Mineira.

Objetivos Específicos:

- Coletar sementes de espécies florestais nativas na área de estudo.
- Produzir mudas de espécies nativas, na forma de viveiro de espera, para fazer a interligação dos remanescentes vegetais nativos.
- Covear e plantar as mudas em campo.

METAS:

- Coletar sementes, de pelo menos 10 espécies florestais nativas presentes na área de estudo, até o terceiro mês de implantação do Plano.
- Produzir pelo menos 50 mudas de cada uma das espécies florestais trabalhadas, até o final do segundo ano de implantação do Plano.
- Plantar todas as mudas em campo, até o sexto mês do terceiro ano de execução do Plano.

TÉCNICAS DE COMUNICAÇÃO E EXTENSÃO UTILIZADAS:

O contato com o proprietário será feito pessoalmente, a fim de acertar detalhes para a execução do Plano. O mesmo já se encontra motivado para a execução do Plano, tendo em vista a sua intenção de transformar a área, futuramente, em uma RPPN. Portanto, nessa etapa, será utilizada a técnica da Via

Pessoal, denominada de Conversa Pessoal. Na oportunidade, os dois profissionais responsáveis pela execução do Plano estarão presentes. Esse contato será feito de imediato.

A coleta de sementes, produção de mudas e plantio em campo serão feitos sob a supervisão direta do técnico florestal Antônio Duarte. A mão-de-obra empregada será fornecida pelo fazendeiro. O engenheiro florestal Elias Silva acompanhará a execução desses trabalhos, por meio de relatórios feitos pelo técnico florestal. O prazo definido para a execução dessas ações está previsto nas metas traçadas.

Ao final da interligação dos remanescentes vegetais nativos, será implantada uma Unidade Demonstrativa, a fim de servir de referência para outros interessados. Portanto, a partir dessa etapa, se estará trabalhando com a técnica denominada de Unidade Demonstrativa, que pertence à Via Expositiva. Isso se dará após o sexto mês do terceiro ano de execução do Plano, conforme se prevê nas metas.

TÉCNICAS DE MEDIÇÃO, VALORAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

OBTIDOS:

Em termos de medição, será usado o indicador ambiental número de hectares das faixas de interligação (feitas com vegetação nativa). A obtenção desse dado se dará por meio do acompanhamento direto e explícito do extensionista, no caso do técnico florestal Antônio Duarte.

A valoração dos resultados obtidos será feita usando-se a técnica do testemunho espontâneo do fazendeiro.

A interpretação dos resultados se dará pela consideração direta do número de hectares de vegetação nativa que existia anteriormente (25 hectares), com a que passou a ter a fazenda. Ou seja, será feita com base em subtração.

ANEXOS:

Serão incluídos nesse item:

- Mapa da fazenda, com a distribuição dos remanescentes vegetais nativos. Nesse mesmo mapa, consta a localização das faixas que deverão ser interligadas.
- Cópia do contrato assinado entre a SIF e o fazendeiro. Nesse, constam todos os custos de execução do Plano, os quais serão bancados pelo fazendeiro. Em anexo, se inclui o cronograma de desembolso que o fazendeiro deverá honrar.

FOMENTO FLORESTAL: INSERÇÃO (ADOCÃO) E FIDELIZAÇÃO

- Conceito:

Fomento Florestal é o conjunto de ações administrativas e técnicas, que estimula o plantio de espécies arbóreas no raio econômico de um determinado interessado maior, em ambientes rurais e, ou periurbanos, com observância da legislação pertinente.

- Aspectos Positivos e Negativos:

Como se pode imaginar, são vários os agentes interessados nos Programas de Fomento Florestal, a saber: a **empresa fomentadora** (também conhecida como o interessado maior), o **fomentado**, o **poder público** (das esferas federal, estadual e municipal) e **outros atores sociais** (comunidade científica, autônomos da área florestal, sociedade em geral).

De acordo com estes agentes interessados, seriam os seguintes os principais aspectos positivos e negativos dos programas de fomento florestal:

Empresa Fomentadora (Interessado Maior):

- Positivos

- * Maior oferta de matéria-prima, sem custos de aquisição de terras
- * Interação com vizinhos, criando vínculos e empatias
- * Maior e melhor conhecimento da região
- * Áreas de terceiros como Unidades Demonstrativas
- * Demonstração de responsabilidade social

- Negativos

- * Necessidade de ampliar controles administrativos (maiores custos)
- * Risco de estar fomentando para os outros
- * Risco de ser taxada de expansionista

Fomentado:**- Positivos**

- * Ocupação de áreas marginais na propriedade, minimizando efeitos erosivos
- * Aumento da renda e da ocupação da mão-de-obra
- * Tendência a uma maior conscientização ambiental
- * Aquisição de novos conhecimentos práticos
- * Diversificação da produção
- * Resolução de conflitos com a legislação ambiental
- * Possibilidade de consorciar com outras culturas
- * Melhoria do aspecto paisagístico da propriedade

- Negativos

- * Tendência a se manter o uso do solo na área fomentada
- * Surgimento de um controle externo

Poder Público:**- Positivos**

- * Aumento do recolhimento de impostos
- * Aquecimento da economia
- * Maior integração social
- * Menor descumprimento da legislação ambiental
- * Novas oportunidades comerciais em ambientes rurais e,ou periurbanos

- Negativos

- * Necessidade de ampliar controles administrativos

Outros Atores Sociais:**- Positivos**

- * Novos nichos de trabalho para pessoal técnico e administrativo
- * Novas linhas de pesquisa para a Ciência Florestal
- * Novos indicadores ambientais, importantes para a Certificação
- * Benefícios advindos dos efeitos das florestas - sobre o clima, o solo, a água, a fauna
- * Êxodo urbano
- * Maior possibilidade de provisão de produtos de origem florestal

- Negativos

- * Concorrência com outros setores

- O Elemento NOVO: o Programa de Fomento Florestal:

Entendidos os aspectos positivos e negativos, torna-se interessante compreender que o Fomento Florestal, num dado momento, é um elemento NOVO numa região. Sendo assim, esperam-se quatro tipos de visões sobre este algo NOVO, tanto de parte da empresa fomentadora quanto do fomentado, a saber:

Oportunidade: É um tipo de visão oportunista, focada e momentânea. Traduz-se pela seguinte frase: - É a minha grande chance!

Estratégia: É um tipo de visão calculista, fria e objetiva. Traduz-se por: - É uma grande jogada!

Negócio: É um tipo de visão financista, mercantilista e egocêntrica. As pessoas pensariam: - Vou tirar o pé da lama!

Missão: É um tipo de visão missionária, assistencialista e despojada. As pessoas diriam: - Preciso fazer a minha parte!

Nestes termos, caberia a seguinte pergunta: qual a melhor visão sobre este algo NOVO? Na verdade, são visões específicas, tendo cada uma delas vantagens e desvantagens conforme o enfoque que se queira dar. Todas são legítimas, até porque refletem a personalidade ou a política de pessoas físicas e jurídicas, respectivamente. No entanto, usando de senso-comum, é de se imaginar que a junção destas quatro visões seja a providência mais lógica, pois um Programa de Fomento Florestal permite este tipo de abordagem. Em síntese, é legítimo relacionar-se com um Programa de Fomento Florestal entendendo-o como uma **Oportunidade** que não se deve desperdiçar, como uma **Estratégia** que se deve seguir, como um **Negócio** que se precisa fazer, e como uma **Missão** que se deva cumprir.

- A Inserção (Adoção) e a Difusão:

Talvez, um dos maiores desafios para o sucesso de um Programa de Fomento Florestal é fazer com que haja, num primeiro momento, a **Inserção (Adoção)** de produtores, para, no futuro, haver a difusão para outros interessados. Sendo assim, é preciso ter em conta que a **Adoção é um processo individual**, enquanto a **difusão é um processo social**.

Neste sentido, é preciso considerar as cinco fases da Adoção:

Percepção Inicial: toma conhecimento do NOVO

Busca de Novas Informações: interessado pelo NOVO, procura por mais informações

Análise Crítica: analisa as vantagens e a aplicabilidade do NOVO

Habilitação: procura os conhecimentos instrumentais que o habilitem a adotar o NOVO

Avaliação Empírica: experimenta ou testa o NOVO, REJEITANDO-O OU NÃO

Igualmente, são três os tipos de limitações para a Adoção:

Ignorância: não sabe que pode fazer de modo diferente do que habitualmente faz

Impotência: sabe o que deveria fazer, mas é incapaz de fazê-lo

Relutância: sabe o que deveria fazer e pode fazê-lo, objetivamente falando, mas certos valores e atitudes o impedem

Portanto, neste momento, podem-se fazer as seguintes **Recomendações para se lograr Inserção e Difusão em Programas de Fomento Florestal:**

- Realizar prévio diagnóstico (cadastro) físico para as áreas de interesse, via SIG (Sistema de Informações Geográficas), MONITORANDO-O, a fim de identificar as melhores áreas.
- Realizar prévio diagnóstico sócio-econômico-cultural para as áreas de interesse, MONITORANDO-O, a fim de identificar os três tipos de pessoas: Ignorantes, Impotentes e os Relutantes.
- Estabelecer ações para cada um destes:

Ignorante: usar Rádio, Televisão, Carta, Cartilha, Reunião, Unidade Demonstrativa, Dia de Campo e Visita Técnica.

Impotente: usar Reunião, Contrato Inicial Diferenciado, Maior Acompanhamento Extensionista.

Relutante: usar Conversa Pessoal, Por meio de Líderes, Workshop.

Dentro deste contexto, é interessante perceber as várias rotas da Adoção, a seguir mostradas:

IGNORANTE + AÇÃO EXTENSIONISTA = ADOTANTE

IGNORANTE + AÇÃO EXTENSIONISTA = IMPOTENTE (A)

IMPOTENTE (A) + AÇÃO EXTENSIONISTA = ADOTANTE

IGNORANTE + AÇÃO EXTENSIONISTA = IMPOTENTE (B)

IMPOTENTE (B) + AÇÃO EXTENSIONISTA = RELUTANTE (A)

RELUTANTE (A) + AÇÃO EXTENSIONISTA = ADOTANTE

IMPOTENTE + AÇÃO EXTENSIONISTA = ADOTANTE

IMPOTENTE + AÇÃO EXTENSIONISTA = RELUTANTE (B)

RELUTANTE (B) + AÇÃO EXTENSIONISTA = ADOTANTE

RELUTANTE (C) + AÇÃO EXTENSIONISTA = ADOTANTE

- A Fidelização no Fomento Florestal:

São os seguintes os elementos-chave do processo de fidelização de produtores a Programas de Fomento Florestal:

- * Resultados financeiros. **Tô ganhando uma boa “grana”!**
- * Vantagens operacionais. **Quase não dá “trabaio”!**
- * Burocracia. **Não me encham o saco com papelada!**
- * Imagem da empresa fomentadora. **Nunca me enrolou!**
- * Apoio técnico. **Os caras maceteiam tudinho!**
- * Deferência e respeito. **Os “homi” tomam café na minha cozinha!**

Nunca mexeram com a minha “fia”!

- * Ego. **Melhorei “dimais” da conta!**

Não devo nada prá ninguém!

A “Florestal” nunca mais veio na minha propriedade!

Sendo assim, para a empresa fomentadora, são as seguintes as recomendações visando induzir a fidelização no Fomento Florestal, ou seja, para que o **Adotante** passe a ser **Fiel**:

- Conversa Pessoal. **O olho do dono é que engorda o boi!**
- Reuniões Periódicas. **Orai, mas vigiai!**
- Carta, Telefone, Fax. **Precisam saber que gosto deles!**
- Curso Presencial. **Investimento é diferente de custo!**
- Show, Festa, Comemoração. **Ninguém é de ferro!**
- Rádio, Televisão, Videocurso, Vídeo. **Todo mundo é “artista” e quer pelo menos 5 minutos de fama!**
- Brindes, prêmios de produtividade, elogios públicos, entre outros. **Não me custa tanto!**

LITERATURA SUGERIDA PARA COMPLEMENTAÇÃO

SILVA, Elias. Fundamentos de comunicação e extensão florestal. Viçosa, MG: Editora Suprema, 2008, 72 p.